

# APRESENTAÇÃO

*Ai dos homens para quem as ideias existem!*  
(GUERREIRO RAMOS, *Relações de raça no Brasil*, 1950)

Desde que Guerreiro Ramos passou a lecionar na *University of Southern California* (USC), em agosto de 1966, como professor visitante inicialmente, o conceito de “redução sociológica” e suas derivações passaram suas aulas. Sua capacidade intelectual, suas ideias e performance docente tiveram impactos significativos sobre gerações de estudantes daquela instituição. Impacto, aliás, tanto em discentes quanto em docentes, conforme os depoimentos de Frank Sherwood e Wesley Bjur registrados no livro *Futures of the Past*, publicado em 2010, por ocasião da celebração dos 80 anos da *School of Policy, Planning, and Development* da USC. Vale lembrar que Guerreiro Ramos chegou a receber por três vezes o prêmio de *Teaching Excellence Award of the School of Public Administration* e uma vez o de *Teaching Excellence Award of the University Associates Award*, além do prêmio *Phi Kappa Phi Book Award*, em 1981, com seu livro *The new science of organizations – an reconceptualization of the wealth of nations*. De fato, sua carreira acadêmica em solo norteamericano foi exitosa.

Durante os três primeiros anos de docência na USC, Guerreiro investiu considerável esforço intelectual para avançar suas ideias sobre a “redução sociológica” enquanto “atitude parentética”. Tal qual já houvera feito quando decidiu ingressar no Teatro Experimental do Negro (TEN) e somar esforços a Abdias Nascimento e tantas outras pessoas, uma vez mais ele se submeteu ao árduo exercício de colocar a si mesmo “entre parênteses”. Os textos *Viagem Parentética I – Fenomenologia e ciência social*, *Viagem Parentética II – O homem inventa a si próprio ou Rumo a*

*uma Teoria do Encontro Parentético e Viagem Parentética III – A perda da inocência ou Por uma Ciência Social Pós-Fenomenológica*, escritos entre dezembro de 1969 e janeiro de 1970, são representantes desse outro momento de reinvenção de si. Em certa medida, eles são, sim, autobiográficos, ao mesmo tempo em que representam a posição ôntico-epistemológica por excelência do seu “modelo de homem” – o *homem parentético*.

Após essas suas “viagens parentéticas”, Guerreiro Ramos preparou e conduziu, no outono de 1970, um Seminário para os estudantes do doutorado exclusivamente voltado à discussão de sua proposta de “modelo de homem”, agora já bem mais amadurecida do que quando a expôs, pela primeira vez, em 1963, em capítulo do livro *Mito e verdade da revolução brasileira*. Os resultados alcançados foram animadores. Ele então partiu para escrever o longo texto *The parenthetical man (an anthropological approach to organization design)*, que já com 93 páginas foi apresentado no Congresso Anual da *American Association for Public Administration* (ASPA), em abril de 1971. O texto representará a culminação de sua reflexão sobre o homem parentético e seria, segundo afirmou, uma síntese de argumentos e de material para um livro que estava sendo escrito por ele naquele momento, cujo título inicial seria *O homem parentético*. O esquema desse livro anunciado segue de perto a estrutura daquele texto apresentado no congresso da ASPA, mas sua publicação somente ocorrerá dez anos depois, em 1981, mas com o título *The new science of organizations – an reconceptualization of the wealth of nations*, e sob outra estrutura. O homem parentético torna-se, assim, figura de fundo, subliminar, quase imperceptível para a imensa maioria dos leitores.

Bem, o certo é que do longo texto de 1971 ele derivará dois artigos, um mais conhecido entre nós, outro menos. O mais conhecido é *Models of man and administrative theory*, publicado em 1972 pela revista *Public Administration Review*, que recebeu ampla divulgação a partir de sua publicação, em 1984, pela *Revista de Administração Pública* (RAP), com tradução de Tânia Fischer e Mafalda Schmid. Depois, em 2001, o artigo foi novamente traduzido pelo professor Francisco Heidemann e publicado no periódico *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas*, da PUC-Pr. Trata-se, sem sombra de dúvidas, no Brasil, de um dos textos clássicos da administração, a partir do qual a categoria homem parentético veio a ser difundida entre nós. Esse artigo de 1972 é uma ampliação e aprofundamento da última

seção do texto de 1971, intitulada “Implications of the Model [of parenthetical man] for organizational design”.

Já o artigo *The parenthetical man* é, infelizmente, menos conhecido. Publicado no final de 1971 no *Journal of Human Relations*, trata-se de uma síntese condensada do cerne da proposta daquele texto maior, deixando de fora apenas as treze páginas iniciais dedicadas à análise crítica da ciência social (principalmente economia, sociologia e ciência política), que foram posteriormente incorporadas ao segundo capítulo d’*A nova ciência das organizações* e forneceram o *leitmotiv* do terceiro capítulo, dedicado à caracterização da “síndrome comportamental”. Das treze páginas restará uma conclusão: a ciência social em vigor à época nada mais seria do que a “legitimação ideológica dos sistemas sociais existentes” no tecido social articulado pelo mercado.

Frente a seus estudos realizados anteriormente no Brasil, a denúncia do caráter ideológico das ciências sociais em vigor não era exatamente uma novidade, já que desde o início dos anos de 1950, quando analisou o “problema” do negro brasileiro, ele denunciava a “ideologia da brancura” subjacente nessa mesma ciência social. A novidade do texto apresentado de 1971 estava no fato de Guerreiro Ramos, por um lado, ter aprofundado e expandido sua análise para o sistema de mercado sobre esse caráter ideológico e, por outro, ter encontrado alguns autores dedicados à construção de uma ciência social alternativa à “ciência” laudatória, a exemplos de W.C. Mitchell, M. Springer e B.M. Gross, na economia; J. Habermas, T. Schroyer, A. Etzioni e A. Gouldner, na sociologia; e C. Bay, S. Wolin, H.S. Kariel e E. Voegelin, na ciência política. Seu alinhamento ao propósito de emancipação e de desenvolvimento das potencialidades humanas ficará cada vez mais claro nos anos seguintes, e terá como resultado seu livro *A nova ciência das organizações*, que antes de ser publicado pela *University of Toronto Press*, recebeu quatorze negativas de editoras.

Os textos que agora a Revista Brasileira de Administração Política (REBAP) publica são momentos marcantes da trajetória intelectual do grande sociólogo brasileiro que foi Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), baiano da cidade de Santo Amaro da Purificação e um dos principais autores que inspiraram e dão suporte à proposta de Administração Política. Essa publicação só é possível porque contamos com a generosidade da família do “velho Guerreiro”, que por intermédio de seu filho, Alberto Guerreiro Ramos, nos concedeu a autorização para que pudéssemos traduzir os

textos do inglês para o português e publicá-los aqui pela REBAP. A Alberto e sua família, seguem nossos mais sinceros e profundos agradecimentos. Também somos gratos ao Hoover Institution Archives, responsável pela guarda dos materiais de Eric Voegelin, que nos enviou cópias das correspondências trocadas entre nosso sociólogo e o filósofo entre 1972-1973. Para a tradução desse material, contamos com a valiosíssima ajuda daquele que foi aluno de Guerreiro Ramos na USC e é, sem sombra de dúvidas, um dos grandes conhecedores dos meandros da escrita e das ideias de nosso sociólogo, professor Francisco Gabriel Heidemann, ficando a cargo do coorganizador deste número especial da REBAP, professor Ariston Azevedo, o papel de auxiliar na tradução e revisão. E sem a parceria da Editora Hucitec, representada por Mariana Nada, não teríamos chegado ao excelente resultado a que chegamos.

Colaboram neste presente número da revista pesquisadores que se prontificaram a ler os originais e a estabelecer com eles um diálogo, em alguns casos em tonalidade *quasi*-confidencial, como no caso de Ana Paula Paes de Paula, em seu “Anotações sobre uma jornada parentética ou ‘*Moi, je ne sui pas guerrieriste*’”. A autora adentra nos textos do sociólogo brasileiro, captura ali a tensa relação que o autor estabelece com a fenomenologia husserliana, e procede sua própria “jornada parentética” frente às influências que recebeu daquele sociólogo em sua trajetória. Ao final dessa sua “jornada”, Ana Paula não deixa de nos surpreender. Tal qual Guerreiro, que mesmo reconhecendo a importância capital da fenomenologia em sua formação intelectual e ideias, fez questão de registrar que nunca foi ou pretendeu ser um “fenomenologista”, Ana Paula admite-se “guerrearista”, mas, paradoxalmente, afirma em tonalidade provocativa: “*Moi, je ne sui pas guerrieriste*”. Quem bem conhece a trajetória e a obra de Ana Paula não deixará de espantar-se com sua afirmação, com a qual dá mostras de sua capacidade parentética.

O texto de Claudio Gurgel e Agatha Justen, “Para além do homem parentético”, segue um outro rumo. Eles procedem a avaliação histórico-crítica do conceito guerreiriano de *homem parentético*, desde *Mito e verdade da revolução brasileira* até *A nova ciência das organizações*, e demarcam sua contraposição ao conceito de *homem organizacional* elaborado por William Whyte. Mas o ponto principal da reflexão dos autores está no resultado da confrontação que fazem daquele modelo de homem com a proposta da *paraeconomia* contida n’*A nova ciência*.... Segundo

Claudio e Agatha, haveria entre ambas as propostas uma contradição. Se, de um lado, “a ideia do *homem parentético* é [...] sustentada pela possibilidade de o homem se posicionar de forma reativa à dominação despersonalizante do mercado”, de outro, o paradigma paraeconômico assume esse mesmo mercado como um enclave “necessário” e reconhece sua “sua capacidade de exercer pressão sobre o indivíduo” para além dos limites de seu próprio enclave. Isso faria do *homem parentético*, no final das contas, um tipo humano “conformado com o desenvolvimento do mercado” e suas conseqüentes mazelas, e não, necessariamente, um transformador da realidade social. Visto sob esse ângulo, e considerando a própria trajetória intelectual de Guerreiro Ramos, sustentam os autores que o sociólogo não “desejaria” seu modelo de homem. Essa análise crítica de Gurgel e Justen é demasiada instigante e, certamente, merecedora de contra-argumentarão por parte dos leitores e leituras que se sentirem provocados(as).

Outro colaborador deste número é Francisco Fonseca. Em seu “Guerreiro Ramos: a administração, o caráter nacional e a sociologia da ação”, ele destaca o atual e delicado momento político por que passa a sociedade brasileira e aponta que, diante da enorme “degradação da vida política nacional”, é fundamental a releitura e atualização da obra de Guerreiro Ramos, caso queiramos, de fato, tanto compreender quanto reconstruir o Brasil como nação. Nesse sentido, diz o autor, a releitura de sua obra nos ajudará a reativar nossa “imaginação sociológica” e a recuperar os fundamentos da “sociologia da ação” por ele preconizados. Mas a atualização de suas ideias é necessária, posto que vivemos em um período de “consolidação da hegemonia neoliberal” bem diferente daquele em que o sociólogo descreveu em suas obras. A tarefa proposta por Fonseca tem sido levada a cabo em diversas frentes, seja na sociologia, na ciência política ou mesmo na administração. Há muito o que ser feito e, como bem aponta o autor, essa atualização requer, acima de tudo, atenção para com qualquer tipo de anacronismo a que o revisor(a) dessas ideias possa incorrer. Afinal, os tempos atuais são outros (!)(?). E como veremos mais à frente, a própria administração política tem tomado para si parte desse propósito.

“Entre Parênteses” é o título do texto escrito por Inácio Portugal. De modo a resgatar a “conexão” entre a fenomenologia e o *homem parentético*, o autor recua até o livro do sociólogo em que tal vinculação aparece pela primeira vez, ou seja, a *Mito e verdade da revolução brasileira*, para apresentar a criação do conceito no capítulo do livro intitulado

“Homem-organização e Homem-parentético”, destacando seus elementos e suas referências principais. Essa recuperação do livro de 1963 do velho Guerreiro é muito saudável, penso, porque estabelece vínculos entre as ideias e a trajetória intelectual de Guerreiro Ramos que durante décadas foram ignoradas, tanto das áreas de sociologia e ciência política, quando por parte a própria área da administração. Ou seja, a obra de Guerreiro Ramos sofreu, em razão dos interesses restritos e obedientes às fronteiras disciplinares de seus(as) leitores(as), uma ruptura ilusória: para a área da administração, o que importava eram os escritos de 1966 em diante; já para as áreas de sociologia e ciência política, o interesse se estabilizou durante o período que vai de 1952 a 1963. Essa segmentação levou a muitas interpretações parciais e enviesadas de suas ideias. Graças ao empenho de jovens pesquisadores(as) a partir do final do século passado, das reedições de seus livros *Introdução crítica da sociologia brasileira* e *A redução sociológica*, respectivamente em 1995 e 1996, e do excelente trabalho feito por Lucia Lippi Oliveira em seu livro *A sociologia do Guerreiro*, publicado também em 1995, essa muralha foi rompida. Hoje já são frequentemente encontradas análises mais amplas de suas ideias, dos contextos em que foram elaboradas, dos temas abordados e de sua trajetória de vida, o que complexificou de modo significativo a compreensão de sua obra.

“O pensamento de um Guerreiro: em busca da terceira margem do rio” foi escrito por Paulo Emílio Matos Martins e segue na linha de ruptura da muralha a que me referi acima. Sob a inspiração de Guimarães Rosa, Martins parte em busca do “elo-chave” que articularia a obra de Guerreiro Ramos em termos de sua complexidade e sentido. Para tanto, analisa, além dos textos agora publicados pela REBAP, cinco outros livros do autor, a saber, *O drama de ser dois* (1937), *A redução sociológica* (1958), *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963), *Administração e estratégia do desenvolvimento* (1966) e *A nova ciência das organizações* (1981), além da entrevista concedida pelo sociólogo a Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira, em 1981. A conclusão a que chega Martins é que esse “elo-chave” estaria na “ideia de *parentetismo*”, pois foi por meio dela que se construiu “a rica cadeia do pensamento guerreiriano”, que segue de sua juventude até a maturidade.

Diante do diagnóstico de que o Brasil é, hoje, um país sem “projeto de nação”, e consequentemente sem perspectiva futura diante do cenário político e econômico que vivemos, Elinaldo Leal Santos e Emerson de

Sousa Silva defendem, no artigo “Por uma Administração do Desenvolvimento Brasileiro: o plano analítico do Velho Guerreiro”, que algumas “categorias analíticas” guerreirianas, como “redução sociológica”, “razão substantiva” e “sociedade multicêntrica”, podem nos auxiliar na tarefa de “conceber uma administração do desenvolvimento nacional, crítica e autônoma”. Mas advertem que, tanto para conceber como para operacionalizar tal projeto, serão necessários “homens parentéticos”. Aliás, essa é uma das principais intenções que guiou a publicação desses textos inéditos de Guerreiro Ramos. Quer-se com ela estimular o pensamento crítico e seu exercício entre os(as) jovens pesquisadores(as) e praticantes da administração. Afinal, não se pode esquecer que, para nosso sociólogo, a sociologia, enquanto redução sociológica, era “saber de salvação” da nação brasileira. Salvação essa que não podia prescindir de um projeto de nação.

Fechando esta edição especial da REBAP dedicada ao sociólogo baiano, temos o artigo “O Encontro Parentético na Sociologia Clínica de Guerreiro Ramos”, escrito por Ariston Azevedo, Renata Albernaz e Frederico Lustosa da Costa. No intuito de fornecer uma “chave interpretativa” para o conceito de “encontro parentético” que aparece no texto “Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético”, os autores recuperam a atuação do sociólogo no Teatro Experimental do Negro (TEN) e resgatam um tipo de intervenção psicossociológica que ele denominou por “Sociologia Clínica”. Para eles, seria “no seio dessa prática sociológica singular esboçada no final de 1940 e início de 1950, que se encontra a centelha que levou Guerreiro Ramos a elaborar o conceito de encontro parentético no final de 1969”. Deixam como provocação a possibilidade de se fazerem correlações analíticas entre a proposta do velho Guerreiro com a de sociologia clínica que teve início nos Estados Unidos, mais especificamente na Escola de Chicago dos anos de 1930, e que veio a se consolidar entre intelectuais franceses, entre os quais Eugène Enriquez e Pierre Bourdieu, por exemplo.

Antes de finalizar, vale a pena esclarecer três pontos. O primeiro é que, nos textos originais de Guerreiro Ramos, os tradutores optaram por transferir para as notas de rodapé as formas de apresentação das Referências Bibliográficas e de Chamada Autor-Data, que, nos originais, constavam como notas de fim de texto. O segundo é apenas um alerta: o(a) leitor(a) identificará, também nas notas de rodapé, alguns comentários dos tradutores, indicados com colchetes e, dentro destes, a sigla para Notas

dos Tradutores – [NT]. No geral, esses comentários visaram tanto corrigir uma ou outra informação incompleta ou equivocada identificada no texto original quanto fornecer esclarecimentos pontuais julgados necessários. O terceiro ponto diz respeito à padronização do sistema Autor-Data adotada nos textos dos(as) autores(as) convidados(as), no que se refere à referência dos textos de Guerreiro Ramos. Em todas as indicações de autoria dos textos de Guerreiro Ramos constará, entre parênteses, seu sobrenome “Ramos”. Essa não deveria ser uma questão relevante, obviamente, já que as normas ABNT assim exigem que seja feito. Porém, há que se observar que os textos inéditos aqui publicados estão assinados como “Alberto Guerreiro-Ramos”, isto é, com o uso do hífen pelo autor. A rigor, então, dever-se-ia utilizar, pelo menos nesses casos, a chamada por “Guerreiro-Ramos”, obedecendo-se à unidade que o traço-de-união confere ao sobrenome do autor. Sabemos que o emprego desse sinal gráfico indica também a predileção do sociólogo pelo uso de seu sobrenome completo – “Guerreiro Ramos”, sem hífen, tal como ele assinava seus textos e era publicamente conhecido no Brasil. De modo a não causar demasiada confusão, optamos por padronizar a chamada por “Ramos”, nos casos em que ele assina o sobrenome sem o hífen e naqueles em que faz uso desse elemento de união.

Feita a observação acima, gostaríamos de finalizar esta Apresentação com um enorme agradecimento aos colegas que colaboraram com os textos que compõem esta edição especial da REBAP, assim como às instituições às quais estão vinculados e que compõem a Rede Brasileira de Administração Política. No plano institucional, somos fortemente agradecidos à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), que está nos proporcionando a viabilização financeira deste número.

Boa leitura!

Ariston Azevedo (Coorganizador deste Número Especial)  
Reginaldo de Souza Santos e Fábio Guedes Gomes (Diretores)